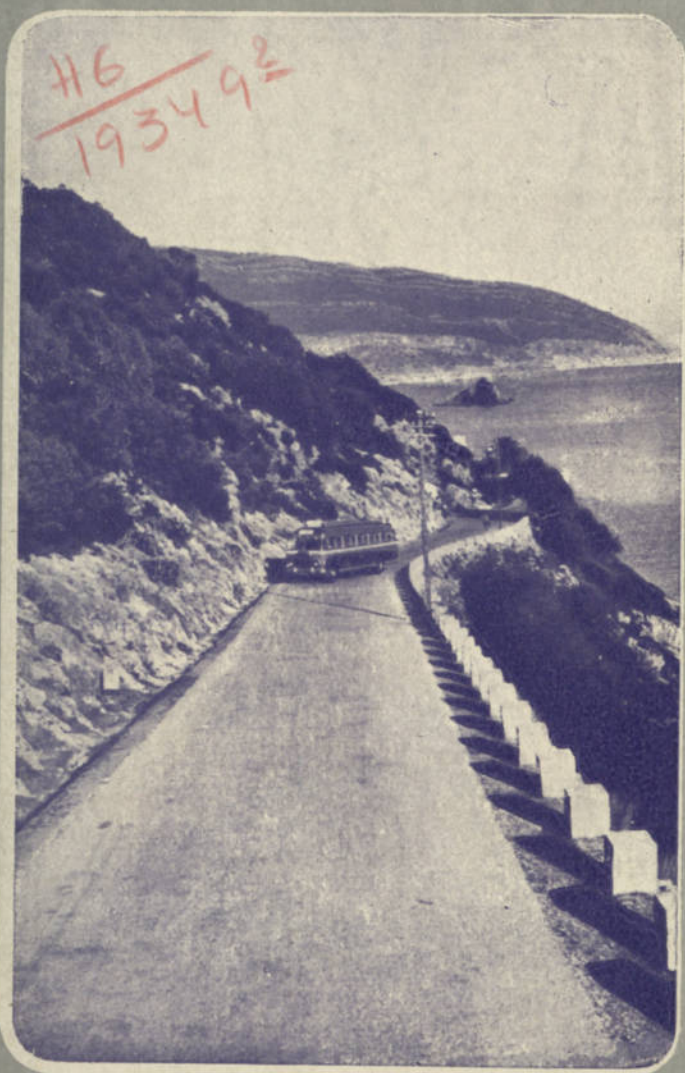


TOURIST CIRCUIT OF THE
Mountain Range and Bay of Arrábida,
including sightseeing of
SETÚBAL, PALMELA and their castles.

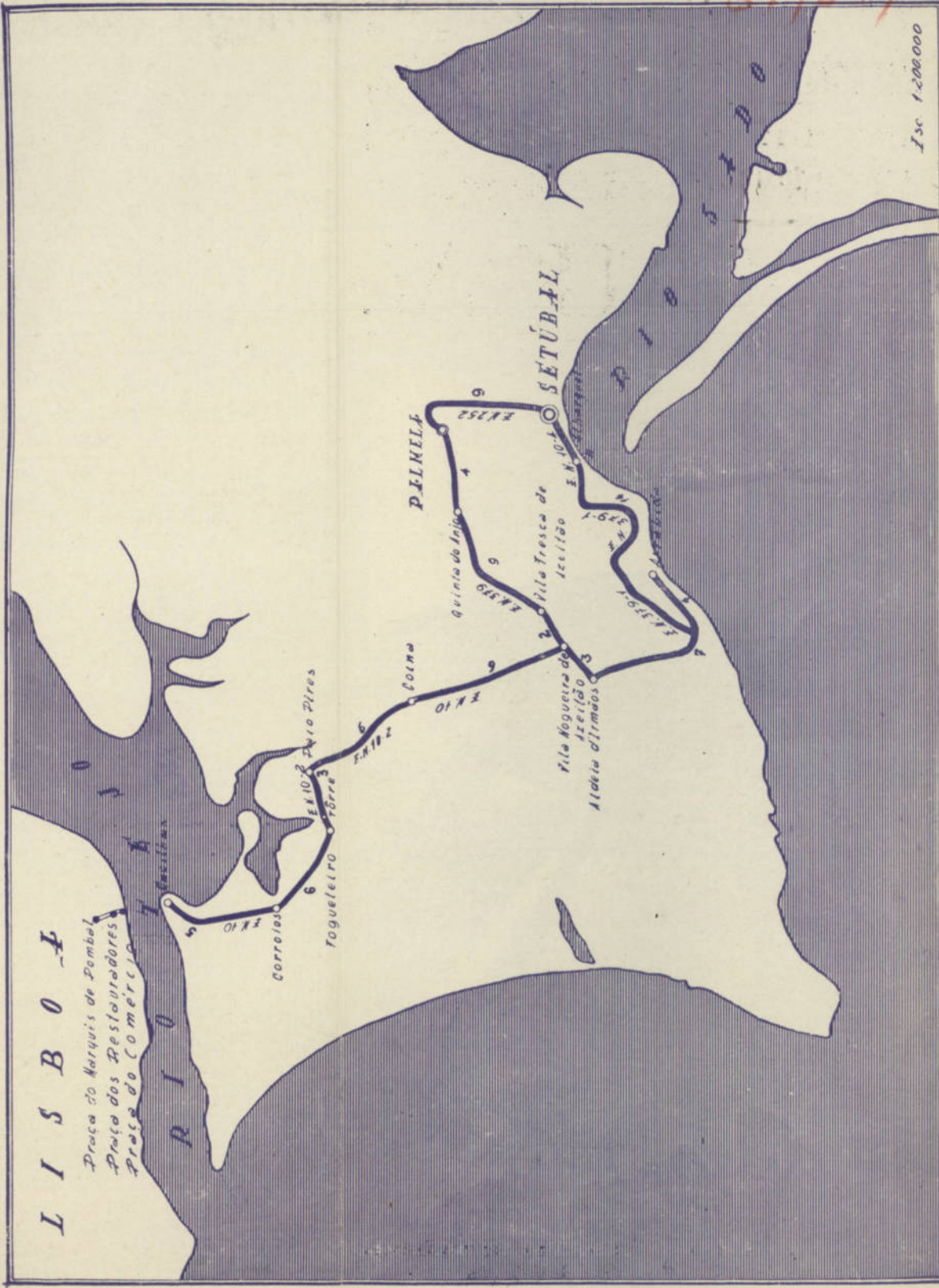
PORTUGAL



Organized by **A TRANSPORTADORA SETUBALENSE**
de João Cândido Belo & C., Lda.
VIA FRESCA DE AZEITÃO—SETÚBAL

H 6 193 49 2

Esc 1:200,000



L I S B O N

Praça do Marquês de Pombal
Praça dos Restauradores
Praça do Comércio

R I O T E J O

Corroios

Togueleiro

Rio Pires

Corina

Vila Nogueira do Azeite

Aldeia d'Almeida

Vila Trasca de Icelido

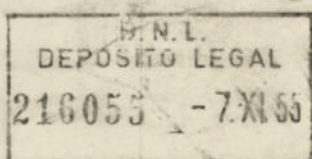
Quinta do Anjo

PALMELA

S E T Ú B A L

R I O S A D O

Esc 1:200,000



CIRCUITO TURÍSTICO

DA

SERRA E PORTINHO

DA ARRÁBIDA

com visita a SETÚBAL,

PALMELA e seus castelos





LISBOA — Praça Marquês de Pombal
LISBON — Praça Marquês de Pombal

Não é aqui nem ali, nomeadamente — é onde quer que principie a ser visto, que Portugal começa a ser maravilhoso. O leitor quer fazer uma viagem breve, mas cheia de encantos? Então, meta-se num confortável autocarro na Praça Marquês de Pombal, onde se inicia este Circuito, atravesse Lisboa, até ao Tejo, transponha este lindo rio e venha certificar-se de que este País começa a ser, na península de Setúbal, a maravilha de que falam os livros.

Lisboa já acena, do lado de lá do rio, o seu adeus alegre aos que partem. Já o barco nos deixou na OUTRA BANDA, já a camioneta de novo arranca, já depois de atravessadas as vilas de CACILHAS e COVA DA PIEDADE, centros comerciais e industriais, se oferece a nossos olhos a mancha verde dos campos. Ulmos e acácias que vieram até à beirinha da estrada ver-nos passar; pinheirais extensos e orgulhosos da sua raça — são os filhos, são os netos do que foram à Índia; a vinha a sonhar: «Quando serei vinho?»; o trigo a' sonhar: «Quando serei pão?»; e as árvores de fruto, algumas carregadinhas como ouriços, a prometerem doçura e frescura... Dir-se-ia que a camioneta vai contente, porque é ela que mostra tudo isto, porque vão contentes os que espreitam pelas suas janelas. E já volta à esquerda, depois da encruzilhada do FOGUETEIRO, onde uma notável fábrica de têxteis artificiais abre os seus portões.

Dezoito quilómetros de boa estrada quase toda emoldurada de pinheiros, e viramos novamente à esquerda, depois de se passar VILA NOGUEIRA DE AZEITÃO e ALDEIA DE IRMÃOS, nova encruzilhada (ao pontão de Cãmbas); vamos entrar na SERRA DA ARRÁBIDA.

Nos primeiros lanços fica-nos ela em frente,

azul e majestosa; pouco a pouco, começam o alecrim, o rosmaninho, a esteva, a anunciá-la na sua



LISBOA — Praça do Comércio
LISBON — Praça do Comércio

It isn't specifically here or there that Portugal is beautiful — rather is it in whatever place you begin to visit the country. Does the reader wish to undertake a trip that is short, but full of enchantment?

If so, let him board one of the comfortable motor coaches at the Praça Marquês de Pombal, where our excursion starts, cross the city of Lisbon, down to the river Tagus, then the great river itself — and, on reaching the opposite bank, he will obtain the proof that on the Setúbal peninsula this country begins in fact to become the marvel about which he has read in books.

On the left bank of the river, Lisbon seems to send a farewell greeting to those who leave. Our motor coach has already left the ferry on which we have crossed the river, and speeds along the road that leads through the villages of CACILHAS and COVA DA PIEDADE, two busy commercial and industrial centers, after crossing which we begin to see on both sides of the highway the refreshing green of the fields. Elms and acacias seem to have come to the edge of the road to watch us pass by. We see great pine woods, proud of their race — the sons and grandsons of those who sailed to India. The vines seem to dream: «When will I become wine?» and the corn: «When will I become bread?» And the many fruit trees, laden with golden opulence, seem to hold a promise of sweet and refreshing delights...

One would almost believe that the motor coach feels happy to show us all this, because those who travel in it feel happy too. At the crossroads of FOGUETEIRO, where a great textile factory opens its yawning gates, we turn to the left.

Twelve miles of beautiful asphalt highway which runs through lovely pine woods, and we turn left again. Shortly after we pass through VILA NOGUEIRA DE AZEITÃO and ALDEIA DE MAGOS, we come to another crossroads (near the Caimbas bridge), and from here we take the mountain road to SERRA DA ARRÁBIDA.

After the first few turns of the road, we get our first glimpse of the majestic blue mountain ridge. Little by little the sweet fragrance of juni-



Serra da Arrábida —
The Serra da Arrábida —

voz de perfume. E ao longo da cobra de alcatrão não se cansa o mato de encantar os que passam: agora é o medronheiro, mais adiante a aroeira e o zimbro. Casalinhos de pequenos lavradores, os **CASAIS DA SERRA**, entremelam de branco o verde do mato e o vermelho do barro. De repente, menina curiosa a espreitar da sua varanda, a **CAPELA DE NOSSA SENHORA DE EL CARMEN**; diz-nos adeus de longe e fica. E já nos esquecemos dela, porque a **SERRA DO RISCO**, à direita, sobe para o Céu na sua escalada titânica. É ali o ponto mais alto da costa de Portugal, por isso lhe chamam «Cabo de Ares» os pescadores que de baixo dos seus barcos minúsculos ante aquela grandeza, a medem com o terror ou a admiração da sua pequenez de homens.

A serra tem o ar de uma onda que avança impetuosa e súbitamente estaca e se esculpe no ar; é uma onda de pedra e mato, é o fóssil de uma onda. Ri-se do mar de agora, gaivota mansinha, profundamente azul, que faz avultar, com a planície que lhe fica à esquerda, o seu dorso gigantesco.

E seguimos; e à maravilha segue a maravilha; agora começa-se a descer a Estrada do Professor Gentil, três quilómetros que nos levam ao Portinho. Aconselha o bom gosto fazer uma paragem de minutos. Estamos no **ALTO DA MATA**, assim chamado porque ali termina a **MATA DO SOLITÁRIO**, floresta cerrada onde se misturam de há séculos, o carvalho com o medronheiro, o folhado com o zimbro. Toda a mata de que, onde estamos, vemos apenas a cúpula verde, é uma catedral de sombra. Lá terá vivido o asceta que lhe deu o nome e ao poçozinho que a refresca; e o Casal da Boavida, hoje meia dúzia de pedras perdidas numa clareira, lá está para indicar onde dormia o solitário.

Que pena não poder durar mais tempo esta nossa paragem! É que aqui é o ponto mais belo que



Monte do Guincho
The Guincho Mountain

per, rosemary, wild-brier and cistus bushes begins to announce the nearness of the highlands.

And along the asphalt ribbon the green pine woods never cease to enchant the passer-by; here it is the wild-brier, further on the cistus and juniper hedges. Little peasant huts, the «CASAIS DA SERRA», dot the green of the woodland and the red earth with white specks. Suddenly we see, like a curious little girl peeping from her balcony, the lonely little Chapel of Our Lady of Mount Carmel, which seems to bid us goodby from afar, as it recedes into the landscape. And already we have forgotten it, because on our right the mighty SERRA DO RISCO shoots skywards in its titanic ascent. This is the highest spot of the Portuguese coast, which is the reason why it is called «CABO DE ARES» by the fishermen, who from their minuscule boats gaze up at its lofty height with a feeling of awe-struck wonder.

The mountain range looks like a gigantic, impetuously advancing tidal wave which has come to a sudden stop in mid-air; it is a tidal wave of rock and forests, the fossil of a wave. And it seems to laugh at the sea down below, that deep-blue, peaceful gull, which, with the long plain on its left, makes the mountains look even taller.

And we pursue our way; marvel follows marvel, and soon we reach the crossroads where commences the two-mile downhill road that leads to PORTINHO DA ARRÁBIDA. To feast our eyes we would be well-advised to stop here for a few instants. We are now at ALTO DA MATA («End of the forest»), thus called because here ends the «MATA DO SOLITÁRIO» («The Wood of the Lonely Man»), a thick forest where for centuries the oak has mixed with the wild-brier, the juniper with the laurel.

The whole immense forest, of which from the spot where we are standing we can see only the dark-green cupola, is a cathedral of shade. It is there that must have lived the ascetic who gave his name to it and also to the bubbling well that cools it. And here still stand the ruins of the Casal da Boavida, of which nothing remains but a few moss-covered stones scattered over a wind-swept clearing, to show where the Lonely Man slept.



Serra da Arrábida vendo-se a Pedra da Anicha
The Serra da Arrábida and the Rock of Anicha

até agora encontramos; em nossa frente ergue-se piramidal, o MONTE DO GUINCHO, onde a mata do Solitário nasceu e vingou; de cada lado o mar, que vemos moldado por dois vales; tudo simétrico, tudo regular, espantosamente regular nesta Serra caprichosa e romântica. Os pássaros cantam a liberdade dos bosques. E nós baixamos até ao PORTINHO. Uma baía que abraça amorosamente um mar estático... Uma fortaleza mandada construir por D. Pedro II para defesa da costa (piratas que gostariam de passar aqui o seu fim de semana) e que hoje é a Estalagem de Santa Maria... Mato a nascer ao rés das ondas — dir-se-ia que tem a raiz na água salgada... Uma luz que fere a vista mas de que a vista se enamora, a vestir as coisas todas de um brilho que não é deste mundo... Gaivotas que não dão sinal de temporal — são antes as pombas de uma paz única e primitiva... Todo o Portinho (que poeta lhe pôs este nome?) a ser um cais sobre a Poesia, uma janela que dá para a Beleza... Sabe-nos bem estarmos vivos.

Mas não deixaremos de lembrar a LAPA DE SANTA MARGARIDA — uma gruta enorme que o mar enche com a sua voz sagrada. Humildemente escondida na sombra, uma capelinha tosca onde por vezes se reza missa (e o mar acolita e a missa ganha um sentido mais grandioso, mais preciso que noutra lugar qualquer; a gruta transcende-se e tem ogivas e tem vitrais e tem rosáceas a cada canto; Deus veio).

Depois ALPORTUCHE, uma pequenina praia a que nos conduz uma alameda de eucaliptos. E se tomarmos um bote poderemos ainda visitar a PRAIA DOS COELHOS e a de GALAPOS. De passagem vemos de perto a PEDRA DE ANICHA, ilha curiosa que em tempos deve ter ligado com a terra; camaleão de paisagem, se não muda de cor, muda de forma e durante o nosso passeio já



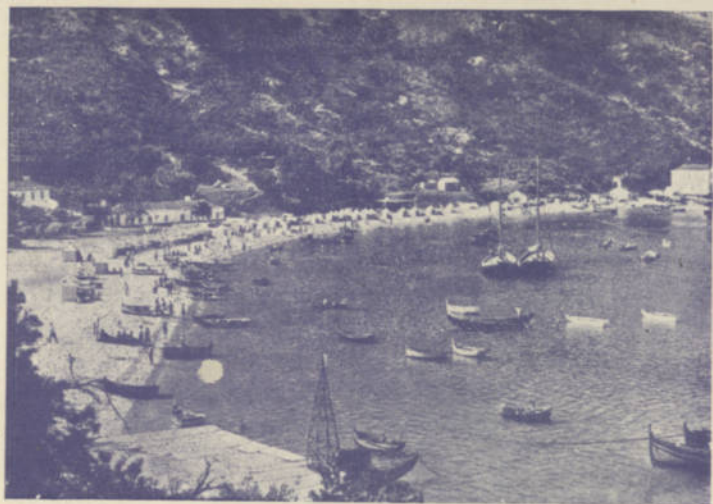
ARRÁBIDA — Praia dos Pescadores
ARRÁBIDA — The beach of Alportuche

We regret that we cannot linger here awhile longer, for thus far this is the most beautiful spot we have seen on our trip; in front of us rises majestically the towering height of the MONTE DO GUINCHO, on which the «Lonely Man's Wood» was born and grew, while on either side, hemmed-in by two valleys, we overlook the blue sea. All is symmetry and graceful beauty on this romantic mountain range, where the birds sing the freedom of the woods.

Our coach starts again on its way downhill, towards PORTINHO, a cove which lovingly embraces a static sea... We pass by a little fort erected here by king Dom Pedro II for the defence of the coast (many are the pirates who would love to spend a weekend here!), and which is now the «ESTALAGEM DE SANTA MARIA» («Inn of St. Mary»), and again our eyes alight upon many pine trees standing so near the edge of the sea that one would think that their roots grow in salt water... A light which is almost blinding, but which our eyes love nonetheless, covers everything around us with a brightness that is out of this world. Sea gulls skim the clear blue water that are not the sign of a coming storm, but rather the symbols of a unique and primitive peace... All of Portinho (who may have been the poet who gave it this name?) is a quayside on Romance, a window overlooking Beauty, that makes us feel how good it is to live...

We cannot omit a brief mention of the LAPA DE SANTA MARGARIDA, an immense grotto which the sea fills with its thundering voice. Humbly hidden in its shadows there is a roughly-hewn little chapel, where holy mass is sometimes celebrated, to which the mighty sea lends a greater and deeper significance. The inside of the grotto reminds us of the nave of a cathedral, with its Gothic arches, rosaces, and stained-glass windows, a soft, diffused light covering the walls with a patina of blue and gold.

Driving along a eucalyptus avenue, we next reach the pretty little beach of ALPORTUCHE, from where we can go by row boat to the beaches of PRAIA DOS COELHOS («Rabbits' Beach») and of GALAPOS.



Portinho da Arrábida

tivemos ocasião de lhe ver aspectos vários; outros vos esperam ainda — para cada lugar de que a vemos guarda a Pedra da Anicha uma cara diferente.

Chegou a hora da partida. De novo cortamos a Mata do Solitário — a estrada verte sangue. No alto da Mata tomamos o ramal da direita e vai começar o novo filme; agora as cores são mais vivas, a luz mais alácere. Tornamos a ver a Mata, Alportuche, o Portinho, o Mar... Passamos a dois passos da Mata Coberta, que foi, antes do ciclone a ter amputado, a mais numerosa da Serra; o Sol ficava-lhe à porta, contentava-se com doirar o cume do Monte Abraão, que a protege dos ventos do mar. Um minuto mais, e aparece o CONVENTO. Ali se concentra a religiosidade esparsa pela Serra; parece que é ali a fonte mística, quando o contrário é que afinal acontece; ali desemboca, vindo de todos os cantos, trazido por todos os ventos, o espírito que dá à Serra da Arrábida elevação e sentido. Ali é que se apercebe com nitidez a Arrábida mais verdadeira, que não é a Arrábida das caldeiradas, nem a Arrábida dos banhos, nem a Arrábida das romarias encantadoramente pagãs, nem sequer a Arrábida do Turismo; e o que aquelas contam: Frei Martinho, que em 1542 fundou o Convento, posto à entrada a impor silêncio, recolhimento e fé; e a capelinha-mor, onde um cristo em madeira, uma Nossa Senhora da Romã e dois óleos de autores desconhecidos não nos chamam em vão (e que bonitos e sinceros os barcos de pesca que os pescadores, devotos de Nossa Senhora da Arrábida, lá foram pôr!); e o jardinzinho de S. Pedro de Alcântara, onde o buxo reza há trezentos anos uma oração que já deve ter chegado lá acima; e a Fonte da Samaritana, a escorrer frescura pela bica (santa, três vezes santa, das sedes que matou...) e a capelinha-brinquedo da Senhora da Piedade, que a paciência dos frades



Convento da Arrábida
The Convent of Arrábida

We pass quite close to the PEDRA DA ANICHA, a tiny islet that in bygone times must have been connected with the mainland; the landscape resembles a chameleon in that it changes shape when it does not change colour, and during our passage it has already shown us its many varying aspects; still others await us, since to every spot from which we see it the Pedra da Anicha shows a different face.

The time for departure has come, and once more we cross the «Lonely Man's Wood». At the Alto da Mata we take the coast road to the right, and a new picture film begins to unroll itself. The colours now grow brighter, the light stronger. We see again the forest, Alportuche, Portinho, the ocean. We pass quite close to the MATA COBERTA, which the great cyclone of 1940 mowed down almost entirely. The sun used to remain at the doorstep of this great forest, glad to cover with a golden halo the top of Monte Abraão, which protects it from the sea winds. A few instants later, we reach the CONVENT. This spot seems to be the center of the religious feeling spread throughout the mountains; it would appear to be the very source of all the mysticism that somehow characterizes the whole region, whereas it's exactly the opposite that actually occurs: it is there that arises, coming from everywhere, brought thither by every wind, the spirit that gives the Serra da Arrábida its significance and greatness. It is here that one perceives with clearness another, truer Arrábida, which is not the Arrábida of feasts, nor of sea bathing, nor of popular festivals, nor even the touristic Arrábida, and what they all stand for. Brother Martin, who in 1542 founded the Convent, placed it at the entrance as if to impose silence, devotion and faith; it was he who built the little chapel to which a wooden Christ, a figure of Our Lady and two oil paintings by unknown authors do not call us in vain. There are also many beautiful models of fishing craft, offerings to Our Lady of Arrábida, which the pious fishermen have placed there in Her honour. Also worthy of mention is the lovely little garden of S. Pedro de Alcântara, where for threehundred years the box-



Vista Parcial de Arrábida vendo-se a estrada para Setúbal
Part view of Arrábida and the road to Setúbal

ornamentou de conchas e de cacos; e a maior graça do Convento que é desordem harmoniosa das suas celas, a simplicidade das suas ruazinhas estreitas. Por tudo perpassa a memória dos fradinhos que descobriram a Arrábida lugar de oração, ante-câmara do Céu. Frei Agostinho da Cruz, que morava numa celazinha perdida no mato, junto do CONVENTO VELHO (duas ermidas, a da Memória e a de Santa Catarina, e mais uma série de sete que representam os Sete Passos, sendo o da Crucificação — Senhor dos Aflitos — única que escapou ao tempo, uma escultura de primeira ordem) encontrou a expressão poética desta descoberta. «Nesta Serra do Céu, vossa vizinha» — dizia ele a Nossa Senhora.

Mas Frei Agostinho não é só no Convento que nos vem à lembrança. Estamos agora na estrada que corta a Serra longitudinalmente, pelos pinheiros, e de novo ele fala:

*«Alta Serra deserta de onde vejo
As Águas do Oceano de uma banda,
Da outra, já salgadas, as do Tejo»*

Até onde o Poeta foi a pé, quando rasgava o hábito na aspereza dos carrasqueiros, na ânsia de subir tão alto que visse o Céu de mais perto, pode hoje toda a gente ir de automóvel ou de camioneta. Os homens magoaram as pedras amadas de Agostinho e passaram. O mato por aqui é rasteiro — acabou a Arrábida luxuriante para começar a Arrábida desolada e severa. Mas que encantamento de paisagem! — Para trás as matas, iluminadas de um Sol que as enriquece a esta hora da tarde; em baixo a fortaleza, meigamente poisada na orla verde do mar; cabrinhas agitam os seus guisos e olham espantadas (ou indignadas?) os que perturbam a grande paz da montanha. É um presépio autêntico, em que o Menino Jesus gos-



Vista Parcial de SETÚBAL
A view of SETÚBAL

-tree has been saying a prayer that must surely have reached heaven in the meantime; and the «Fountain of the Samaritan», whose cool, crystal-clear water has for centuries quenched the thirst of countless pilgrims and wayfarers. All this is ageless romance, of a beauty that appeals to the mind rather than to the eye... Also worthy of note is the the toy chapel of Our Lady of Piety, the walls of which the monks decorated, in long years of patient work, with sea shells and broken glass. Perhaps the convent's greatest charm lies in the harmonious disorder of its cells, in the simplicity of its narrow lanes. Everything seems pervaded with the memory of the little friars who discovered Arrábida, the place of worship, the ante-room to Heaven. Brother Agostinho da Cruz, who lived in one of those little cells, in the midst of the forest, near the Old Convent, found the poetic expression of this discovery in the words of his prayer to Our Lady: «On this mountain of Heaven, Thy neighbour...» The Old Convent consists of nine hermitages in all, two of which are the ones of Memory, and of St. Catharine, while the remaining seven symbolize the Seven Steps. Only one of the little cells however has survived the ravages of time.

But it is not only the Convent that brings back the memory of Brother Agostinho da Cruz. We are now traveling on the road that runs longitudinally along the summits of the mountain range, and once more he speaks to us:

«Oh mighty mountain,
From whose sides I see
T'wards south, the breakers of the Ocean,
T'wards north, in never-ending motion,
The waters of the Tagus,
As salty as the sea...»

Nowadays anyone can easily reach, by car or by motor coach, the lonely spot up to which the Poet climbed on foot, his frock torn by the evergreens, anxious to reach the summit nearest to heaven. But man hurt Agostinh'o beloved rocks and cut a road through them. The forest begins to grow thinner here — the luxuriant Arrábida is coming to an end, and the desolate and barren Arrábida begins. What wonderful landscapes! Behind us the



SETÚBAL — Mira Sado

taria de ter nascido. Mirantes nos convidam a parar — varandinhas de onde Frei Agostinho veria, de uma banda, as Águas do Oceano (e também as do Sado), da outra as do Tejo. E veria Setúbal garridamente disposta à beira-cais; e veria Lisboa, veria, no flanco norte da Serra (Os Picheleiros), as vinhas onde dorme o famoso Moscatel de Setúbal.

Depois a paisagem muda. Avistamos o sanatório do Outão, estabelecido numa antiga fortaleza, e a fábrica de cimento Sécil, e caminhamos para Setúbal por uma estrada rente ao rio; a palmeira, o eucalipto e o pinheiro são árvores que dão cor e sombra ao longo destes sete quilómetros. Ranchos de rapazes e raparigas, de famílias inteiras que saíram a passear, saúdam os turistas.

A COMENDA e o seu palacete, a PRAIA DE ALBARQUEL com a sua fortaleza são ultrapassados. E Setúbal surge finalmente, com fábricas de conserva logo à entrada e o seu castelo; é o Castelo de S. Filipe, único castelo barroco de Portugal, mandado construir em 1590 por Filipe II. O panorama que daqui se abrange é magnífico. Apetece ficar, mas não pode ser: precisamos de uns minutos para admirar a jóia manuelina da Igreja de Jesus, que Boitaca, o mestre dos Jerónimos, concebeu e construiu em 1594. O manuelino deixou em Setúbal ainda outro documento; é o portal norte da Igreja de S. Julião, dos melhores do país. Desse portal olhemos para a estátua do poeta Bocage, em mármore branco. Ainda na praça em que estamos e a que dá nome o grande Poeta setubalense, merecem ser vistos o esplêndido edifício da Câmara Municipal e os pequenos museus nele instalados, D. Olga Morais Sarmiento e dos Primitivos da Igreja de Jesus.

Para que façamos uma ideia do movimento piscatório da cidade, pode dar-se um salto à doca



SETÚBAL Castelo de S. Filipe
SETÚBAL — The Castle of St. Philip

woodlands glow in the bright sunshine of the afternoon; below, we can see the old fort, peacefully poised near the edge of the blue sea; little goats shake their tinkling bells, and stare in astonishment (or indignation) at the intruders who dare to disturb the peaceful quiet of the mountain. It all looks like a scene from the Bible. Belvederes invite us to halt, like balconies overlooking the sea and the estuary of Sado river. Along her long quays, we see in the distance the gay and multi-coloured Setúbal, and north of the Picheleiros hills, in the clear sunlight of the afternoon, the vineyards where sleeps the famed muscatel of the region.

The landscape now changes. We see the Outão sanitarium, set up in an old fortress across the valley, and, below us, to the right, the great Secil cement plant. Our coach speeds towards Setúbal on a magnificent asphalt-paved highway which runs alongside the river, its four miles of length lying in the cool shade of palm, eucalyptus, and pine trees. Along the road, large groups of boys and girls as well as numerous families who spend their summer vacations here, beckon and smile to us as we pass by them. Soon we pass COMENDA and its old manor, followed by the beach of ALBARQUEL, flanked by its old fort.

And at last here we are in Setúbal, of which the first row of sardine canneries greet us as we enter the town. Atop a hill, on the left, stands the old Castle of St. Philip, the only baroque-style castle existing in Portugal, built in the year 1590 by king Philip II of Spain. From this spot one enjoys a truly magnificent panorama — so much so, that most of us would like to linger awhile, but we haven't much time: we need a few minutes to take a look at that jewel of Manueline art that is the Church of Jesus, built in 1594 by Balthazar, the great architect who conceived and erected the all-time masterpiece known as the «Hieronymite Monastery», in Lisbon. Manueline-style art has left still another example in Setúbal, namely the north entrance of the church of St. Julian, one of the most beautiful doorways in the country. From here we can see the marble statue of the poet Bocage, and, in the same square, the beautiful



SETÚBAL — Praça do Bocage

das Fontainhas. Em cima, em anfiteatro, fica-nos o velho e curioso bairro do mesmo nome e o Miradouro de S. Sebastião, de onde pode ser apreciado lindíssimo panorama.

Uma caixa de doce de laranja, para tornar a viagem mais agradável ainda, comprada em qualquer pastelaria, e teremos saído de Setúbal, Rainha do Sado, sabendo dela que é bonita e doce do princípio ao fim.

E depois de um ameno passeio entre laranjeiras e de uma subidazinha que há-de ter cansado muito homem de armas de outrora, aparece, a fechar, o CASTELO DE PALMELA. Quem primeiro lhe mediu a força foi, em 1147, D. Afonso Henriques. «Da construção primitiva — escreve Pina de Moraes — pouco resta; serão romanas as torres circulares, árabes as quadradas, do Mestre de Avis a Torre de Menagem, de D. Pedro II as fortificações mais modernas para uso dos canhões». Mas o que não terá mudado muito é a paisagem deslumbrante e sem fim, prémio valiosíssimo para quem não hesitou em subir à Torre de Menagem. E mais uma vez (a outra foi na Arrábida) se mostra à evidência que onde a paisagem portuguesa for pitoresca ou for grandiosa os primeiros turistas a chegar são os frades: aqui gozaram, de 1194 a 1218, o mesmo espectáculo que agora se vê, os freires de S. Tiago, que em 1482, lançada a primeira pedra do seu templo, hoje em ruínas, tornaram à casa, como bons filhos, e nela se estabeleceram definitivamente.

A vila fica em baixo; aninhada entre vinhas e confiante na protecção do seu castelo. Dos montes à volta chega-nos a música estranha dos moinhos — quem sabe D. Quixote!, se não são barbudas sentinelas que D. Afonso ali deixou de guarda ao castelo...



SETÚBAL — Doca das Fontainhas
SETÚBAL — The Fontainhas docks

building of the Town Hall, containing two small museums of Portuguese art.

To get an idea of Setúbal's importance as a fishing town, let us take a glimpse at the Fontainhas docks. On the hilltop above, there still stands the old quarter of the same name, as also the St. Sebastian belvedere, from where a most beautiful view can be enjoyed over all the surrounding countryside.

Many of our party purchase a box of the famous Setúbal orange jelly, which delicious sweet is a specialty of the town, being usually sold on the streets by girls who carry it on large trays, which they lift right up to the coach windows. No doubt this savoury delicacy will contribute to brighten and sweeten our excursion. Whereupon we leave the «Queen of the Sado» (as Setúbal is known), not without having found out that, from beginning to end, she is as sweet as she is pretty.

After a delightful drive on a road flanked on both sides by fragrant rows of orange trees, and a short but stiff climb that must have exhausted more than one armor-clad warrior of bygone days, we reach the CASTLE OF PALMELA. The first to test its strength was king Dom Alphonse Henriques, in the year 1147. «Of the original structure», writes Pina de Moraes, «little remains». «The round towers are Roman, the square ones Moorish; the belfry was built by the Master of Aviz, while the later fortifications, designed to withstand cannon fire, were added during the reign of king Dom Pedro II». What, however, has not changed since those remote times is the gorgeous landscape, indeed a valuable reward for those who have not hesitated to climb the stiff winding stairs of the belfry in order to enjoy its view. And once again we find proof of the fact that wherever the Portuguese landscape is beautiful or grandiose, the first tourists to arrive there are the monks. Here the friars of the Order of St. James enjoyed the same lovely panorama that we admire today, and in 1482, after laying the cornerstone of their temple, of which only the ruins have remained, they returned home, like good children, there to establish themselves for good.

The village lies below, nestling between the vi-



AZEITÃO — lago da Quinta da Bacalhoa
AZEITÃO — The lake at Quinta da Bacalhoa

Palmela é terra de bons frutos e de bons vinhos. Baco não se importaria de vir, e muito menos se lhe segredássemos que a dois passos, deixadas para trás Quinta do Anjo e Cabanas, começa a região de AZEITÃO, onde o vinho, como diz o Povo, «que só diz verdades. não é vinho é vinhão. É em Azeitão a nascente, que dá de beber a todos os mercados do Mundo, o excelente Moscatel de Setúbal. E como um bom vinho pede um bom petisco, inventou a gente da terra um queijo de ovelha divino e uns bolinhos de manteiga que obrigam o turista a parar, a provar, a gostar.

Mas Azeitão, que fica no sopé da Serra da Arrábida como quem não teve coragem de a subir, não se recomenda apenas ao nosso paladar. Azeitão é terra de palácios, «é a fidalga Azeitão», como Oliveira Martins lhe chama. Atravessada a ALDEIA DAS VENDAS, estamos dentro em pouco em frente do Palácio da Bacalhoa, monumento nacional, «um misto de arte florentina e de reminiscências mouriscas nas cúpulas de gomos e que, como museu de azulejos, só tem rival em Sintra» (Joaquim Rasteiro).

Construída no último quartel do século XV, sofreu no século seguinte, sendo seu proprietário Afonso de Albuquerque filho, grandes modificações. Já pertenceu a El-Rei D. Carlos e é hoje de uma senhora americana Mrs. Scoville. Um dos seus quadros de azulejos representa Suzana no banho e está datado de 1565.

Afonso de Albuquerque e outros fidalgos da região, mandaram, em 1570, edificar a Igreja de S. Simão, em Vila Fresca de Azeitão. E já perdemos de vista esta vilazinha, passamos junto à Quinta das Torres, um retiro romântico onde apetece esquecer o tempo, deixar-se embalar na poesia puríssima que se desprende do seu palácio en-



PALMELA — Vista Geral
PALMELA — General view

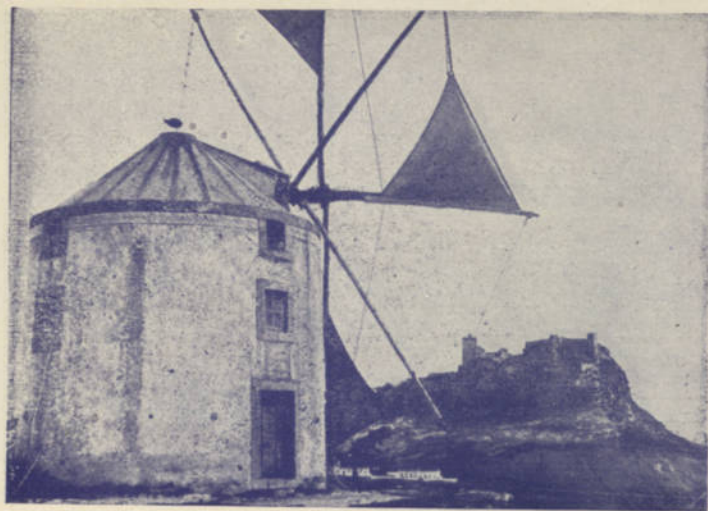
neyards and trusting the protection afforded to it by its castle. From the surrounding hills, the ageless chant of the windmills reaches our ears. Who knows, Dom Quixote, if those aren't the bearded sentinels king Dom Alphonse left there to guard the castle...

Palmela is the country of good wine and good fruit. Bacchus himself would not disdain to come here, especially if he were told in confidence that only two steps from here, after the «Quinta do Anjo» and Cabanas, commences the region of AZEITÃO where, as the popular saying goes, «the wine becomes nectar». In Azeitão is the spring that supplies to the markets of the whole world the magnificent muscatel wine of Setubal. And since a good wine presupposes a good tid-bit, the people of the region have invented a cheese which is simply divine, not to mention a particular kind of butter cakes that will make any tourist stop, try them, and ask for more...

But Azeitão, which lies at the foot-hills of the Serra da Arrábida, as if had been too lazy to climb further, does by no means recommend itself only to our palate. Azeitão is a region of manors and castles — «the noble Azeitão», to use the name given it by Oliveira Martins. After crossing ALDEIA DAS VENDAS, we soon reach the Palace of Bacalhoa, a national monument and, in the words of Joaquim Rasteiro, «a mixture of Florentine art and Moorish reminiscences in its quartered cupolas, which, as a museum of coloured tiles, has no rival but in Sintra».

Built during the last quarter of the fifteenth century, already in the following century it underwent considerable alteration, at the time when it was owned by the son of Alphonse of Albuquerque. It was later owned by Portugal's ill-fated king Dom Carlos I, and is today the property of an American lady, Mrs. Scoville. One of its many famous tile panels represents the «Bathing Sussanna», and bears the date 1565.

Alphonse of Albuquerque and other nobles of the region built, in the year 1570, the beautiful church of St. Simon, at VILA FRESCA DE AZEITÃO. And already we have crossed this little hamlet to reach the famed «Quinta das Torres»



PALMELA — Moínho de Vento
PALMELA — A typical windmill



feitado a heras, do lago lamartineano, dos cedros que lembram Narciso. O Palácio é notável pela sua traça arquitectónica (do século XVI) e pelos painéis de azulejos do mesmo século, que figuram, um, incêndio de Troia, outro, a morte de Dido, e outro ainda, num rodapé, pormenores de caçadas, ora realistas, ora de inspiração mitológica. Entretanto, Vila Nogueira aparece, tem pena (e é sincera porque é hospitaleira) de que não haja tempo para se dar uma volta pelas suas ruas, para se ver de perto o palácio dos Duque de Aveiro, que albergou tantos reis, o do Salinas, que pertenceu a D. Constança, mulher de D. Pedro I, e a Igreja de S. Lourenço, de 1344.

É que a tarde começa a descer. Dois quilómetros mais, acaba nos BREJOS a região de que se viu uma pequenina parte, e o Sol morre por detrás dos pinhais. Depois do orgulho da sua agonia teatral, as sombras não se demoram e tomam conta de tudo: a cor definha, a forma esbate-se, COINA, e o seu riozinho que ao lusco-fusco é um segredo, já respiram noite... CACILHAS indica o próximo ponto final na viagem e aponta para Lisboa, que parece ter sido invadida pelos p'rilampos: tremeluz na noite azul, chama por nós como quem nos quer bem. Não tem ciúmes das terras bonitas que fomos ver, porque as «boas-noites» que lhe damos não são menos alegres do que os «bons-dias» da partida. Para Lisboa há sempre um lugarzinho no coração e um galanteio à flor dos lábios... nomeadamente ao concluir-se, no seu seio, tão encantadora viagem.



Trecho da estrada de Azeitão
Somewhere along the highway to Azeitão

(«Estate of the Towers») a romantic refuge where one wants to forget time and the world, to let one's whole being be pervaded by the pure poesy of its enchanted, ivy-covered manor, of its Laraminean lake, of its saecular cedar trees that remind us of Narcissus... The old manor is remarkable for the pureness of its XVIth century architecture, as well as for its famous and very valuable tile panels of the same century, one of which depicts the burning of Troy, and the other, Dido's death, while still another, forming the wainscoting on the lateral walls, reproduces hunting scenes of both mythological and realistic inspiration.

We soon reach VILA NOGUEIRA, and we regret that there isn't enough time to enjoy a stroll through its streets, nor to visit the manor of the Dukes of Aveiro, which housed so many kings, and the one of Salinas, formerly owned by Dona Constanza, the wife of king Dom Pedro I; last not least, there is a most beautiful church — St. Lawrence — which dates back to the year 1344. However, it's growing dusky and we have to be on our way.

One and a half miles further on, the hamlet of BREJOS marks the limit of this lovely region, of which we have seen but a small part, and slowly the sun is setting behind the pine woods, amidst a golden glow of glory. Soon the shadows of dusk begin to creep in over the landscape.

The colours begin to fade, the outlines slowly grow dim. We reach COINA, its little river already hidden in the shadows of dusk.

CACILHAS indicates the proximity of the end of our trip and points towards Lisbon, which seems to have been invaded by countless myriads of glow-worms: her million lights flutter in the blue velvet of the night and she seems to beckon to us, like a beloved woman. Withal, she is not jealous of the beautiful things we have seen, because our «good night» greeting to her is not less sincere and affectionate than was our «good morning», as we started out on our trip.

Because for Lisbon there always is a warm spot in our heart, and a gallantry on our lips — especially when it is in her bosom that we conclude so wonderful a trip.

INDICAÇÕES ÚTEIS

O presente Circuito Turístico efectua-se aos SÁBADOS, nos meses de MARÇO a OUTUBRO, inclusivé.

HORARIO

Partida às 14,30 da PRAÇA MARQUÊS DE POMBAL, em LISBOA.

Chegada às 20,30 ao mesmo local.

PREÇARIO

SÓ O TRANSPORTE	Esc.:	65\$00
TRANSPORTE COM VISITAS.		
MERENDA E GUIA	Esc.:	160\$00



USEFUL INFORMATION

The present Tourist Circuit takes place every Saturday, from the beginning of March to the end of October.

SCHEDULES

Departure at 14.30 from PRAÇA MARQUES DE POMBAL, in Lisbon:

Arrival at 20.30, at the same place.

TARIFF

TRANSPORTATION ONLY Esc. 65\$00

TRANSPORTATION INCLUDING
SIGHTSEEING, TEA AND GUIDE Esc. 160\$00

HG 19349 2

